

**A ÉTICA DA AUTENTICIDADE EM CHARLES TAYLOR, UMA BUSCA PELA
AUTORREALIZAÇÃO NO CONTEXTO MODERNO**
***THE ETHICS OF AUTHENTICITY IN CHARLES TAYLOR, A SEARCH FOR SELF-
ACTUALIZATION IN THE MODERN CONTEXT***

Douglas Luan Nascimento Pinheiro¹

Prof. Dr. José Pedro Luchi²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar e entender o que a Ética da Autenticidade, desenvolvida por Charles Taylor, nos dá como possíveis respostas à uma busca pela autorrealização no contexto moderno. A cultura da autenticidade considera alguns desvios do ideal de autenticidade, que culminam em três mal-estares da modernidade: o individualismo moderno, a primazia da razão instrumental e o atomismo político. Taylor, também, nos apresenta as linhas de forças do ideal de autenticidade, onde legitima que cada ser humano, busque, encontre e expresse, a sua forma original de ser, onde quer que esteja. É através do diálogo que o indivíduo mostra a sua identidade, e essa identidade somente pode surgir diante do relacionamento com outra pessoa. Em consonância com Taylor, apresentamos o que se entende por reconhecimento, pois, o indivíduo só pode ser si mesmo junto ao outro e, dessa forma, esse reconhecimento só vem através do outro; em outras palavras, não existe autenticidade sem reconhecimento.

Palavras-chaves: Charles Taylor; Autenticidade; Autorrealização; Individualismo; Reconhecimento.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze and understand what the Ethics of Authenticity, developed by Charles Taylor, gives us as possible answers to the search for self-realization in the modern context. The culture of authenticity considers some deviations from the ideal of authenticity, which culminate the three malaises of modernity: modern individualism, the primacy of instrumental reason and political atomism. Taylor also presents us with what the ideal of authenticity would be, which legitimizes each human

¹ Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano – UNISALES. Email: douglasnastobso@gmail.com

² Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros (1979), graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1985), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989) e Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1999). Professor de Centro Universitário Salesiano de Vitória (UniSales). Email: luchi-jp@hotmail.com

being to seek, find and express their original way of being, wherever they are. It is through dialogue that the individual shows his identity, and this identity can only emerge through a relationship with another person. In line with Taylor, we present what is meant by recognition, as the individual can only be themselves with others and, therefore, this recognition only comes through the other; in other words, there is no authenticity without recognition.

Keywords: Charles Taylor; Authenticity; Self-realization; Individualism; Recognition.

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa, visa buscar pela autenticidade e pelo reconhecimento pessoal que é um tema presente em diversas áreas do conhecimento humano, desde a Filosofia até a Psicologia e Sociologia. Dentro desse contexto, Charles Taylor apresenta a *Ética da Autenticidade*, que propõe uma reflexão sobre a importância de se buscar uma vida autêntica, em que sejam valorizadas as próprias escolhas e identidade pessoal, em detrimento das pressões externas da sociedade.

Nessa perspectiva, a *Ética da Autenticidade* é uma forma de se afirmar como indivíduo e ser reconhecido em sua singularidade, sem perder de vista a importância das relações sociais e do diálogo intercultural. Neste trabalho, pretende-se investigar os principais conceitos e ideias propostos por Taylor em sua *Ética da Autenticidade*, bem como a sua relevância nas questões que envolvem o ser humano e as suas potencialidades; tratar da forma como o homem olha para dentro de si, para uma autoestima e uma busca de sentido, onde o ser acaba que obstruindo o seu “poder” diante dos males que o mundo atual oferece.

Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me defino. Estou realizando uma potencialidade que é propriamente minha. Essa é a compreensão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos de autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos [...] (TAYLOR, 2011, p.39).

Além disso, a *Ética da Autenticidade* de Taylor também se preocupa com a dimensão coletiva da vida, uma vez que a busca pelo reconhecimento pessoal não pode ser realizada em detrimento do diálogo intercultural e da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a ética da autenticidade é uma proposta ética que valoriza tanto a dimensão individual quanto a coletiva, o que a torna especialmente relevante para as questões que envolvem o homem, sua autoestima e ética atualmente. Taylor nos exorta: “Espera-se que nós desenvolvamos nossas próprias opiniões, perspectivas, posições em relação às coisas, até um grau considerável através da reflexão solitária” (TAYLOR, 2011, p.43).

Para Taylor, a solução para a falta de autenticidade do ser humano perpassa a valorização da liberdade individual, a diversidade cultural e o diálogo intercultural. Diz Taylor, “A característica comum da vida humana que quero evocar é o seu caráter fundamentalmente dialógico” (TAYLOR, 2011, p. 42). Ele propõe que a busca pela autenticidade não deve ser vista como uma mera expressão de individualismo ou egoísmo, mas sim como uma forma de construir uma sociedade mais justa e

igualitária, em que sejam respeitadas as diferenças e singularidades de cada indivíduo.

Essa noção que, como nos diz Taylor, é atravessada por categorias como a racionalidade, a autonomia, a interioridade e a autenticidade, foram construídas filosófica e praticamente ao longo de séculos, destacadamente a partir do advento da modernidade. No entanto, caras aos indivíduos ocidentais, essas categorias teriam possibilitado, segundo Taylor, tanto a universalização da noção de dignidade, como o surgimento da ideia de que os indivíduos precisam ser verdadeiros consigo próprios. A ideia prosperada por nosso autor é a de que todos os cidadãos – independentemente de sua raça, sexo, etnia ou cultura – merecem respeito e reconhecimento, mas cada um tem uma identidade singular que ganha sua forma moral em associação com o ideal de autenticidade (ANDRADE 2013, p.52).

2.CONCEITO DE AUTENTICIDADE NA CULTURA MODERNA SEGUNDO TAYLOR

2.1 OS 3 MAL-ESTARES DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Charles Taylor une três grupos, formas ou correntes que, por vias e perspectivas distintas, alimentariam as fontes do mal-estar contemporâneo: “os que se acham profundamente imersos na ‘cultura do narcisismo’ [...], os adeptos da razão tecnológica [...] e os defensores da mera liberdade negativa” (TAYLOR, 1994, p. 46). Sobre isso Venturi Júnior diz:

Evidente que as três tendências podem se combinar, potencializando-se umas às outras, e ser encontradas na mesma pessoa: com certeza não é estranha a nenhum de nós a imagem de homens ou mulheres que, centrados em projetos de autorrealização, canalizam todas as suas ações em benefício dos seus próprios interesses, sejam menos ou mais imediatos, e a partir do próprio ‘sucesso’, socialmente reconhecido e recompensado, perseguem e usufruem as ‘maravilhas’ do avanço tecnológico, ficando, evidentemente, entre demandas de trabalho e tantas possibilidades hedonistas, ‘sem tempo’ para considerações e ações voltadas à crítica e eventual intervenção na esfera pública – vale dizer, voltadas para a construção ou desenvolvimento das condições de sua efetiva autodeterminação, não apenas como indivíduos, mas também como membros de uma comunidade (VENTURI JR., 2003, p. 91-92).

Taylor nos proporciona um novo olhar para o que nos é apresentado sobre a autenticidade, para podermos contemplar o mundo ao nosso redor e perceber como caminham a crise política e moral do nosso tempo. São muitos obstáculos que nos fazem adentrar ainda mais, e daí tirar o máximo possível de proveito, encarando todos os desafios que a modernidade nos apresenta a cada dia; esses obstáculos, desafios e medos, Taylor chama de mal-estar. Dessa forma, a chamada cultura da autenticidade gerou três mal-estares, ainda fortemente presentes na sociedade contemporânea; de um modo geral, eles estão entrelaçados um ao outro.

2.1.1 O individualismo

O mundo nos oferece muitas formas de enfrentá-lo e, muitas vezes, de tanto lutar e não ver resultados, vem o desencanto, o desânimo e isso vai nos tornando individualistas. Taylor não desmerece o Individualismo ou o reconhecimento das

liberdades individuais; pelo contrário, ele ver avanço importante na modernidade, mas o individualismo em si, para Taylor, é a perda da capacidade como parte de um todo maior. Quanto mais nos tornamos individualistas, mais nos afastamos de um todo, ou seja, perdemos o nosso referencial e isso nos causa desencantamento do mundo, das pessoas e das coisas. Não vemos sentido em lutar, e por isso, nos afastamos tanto pelo nosso egocentrismo, que não temos mais nenhuma referência.

O individualismo como ideal moral pode ser considerado um dos maiores ideais morais. A conquista da modernidade é que somos livres para fazer escolhas, não nos rendemos arbitrariamente a uma realidade superior. Isso é uma conquista essencial aos estilos de vida contemporâneos, mas a sua concretização exige abdicar de uma visão moral. As pessoas não se consideram mais pertencentes a uma determinada ordem maior, seja a ordem cósmica, Deus, outros, ou qualquer elemento além de nós.

[...], mas muitos de nós somos ambivalentes. A liberdade moderna foi ganha por nossa fuga dos antigos horizontes morais. As pessoas costumavam se ver como parte de uma ordem maior. Em alguns casos, esta era uma ordem cósmica, “Grande cadeia do ser” na qual os homens figuravam em lugar determinado, assim como os anjos, corpos celestiais e as criaturas terrenas, nossos pais. Em ordem hierárquica no universo se refletia nas hierarquias da sociedade humana. As pessoas eram frequentemente fixadas em determinado lugar, papel e estrato que eram propriamente delas e dos quais era quase impensável se desfiar (TAYLOR, 2011, p. 12).

Enquanto ideal moral, o individualismo pode ser considerado uma das maiores conquistas da modernidade, no sentido de que podemos fazer nossas escolhas livremente, pois, dessa forma, não estamos subordinados a realidades superiores. Vejamos o exemplo que Alan Rangel nos apresenta:

O individualismo trouxe como consequência o definhamento dos horizontes religiosos e tradicionais, referências últimas à vida social. O homem moderno desprende-se da cadeia cósmica: reivindicou seu posto de superioridade ao organizar o mundo; criou leis novas, atravessou o mar, as fronteiras e questionou as escrituras. A meta é o progresso sem Deus; projeta-se a riqueza sem o peso da punição divina, afinal, acumular não é pecado. Que progresso é esse? Tecnocracia, comunismo, anarquismo, liberalismo ou outros ismos. Cada um reivindica um *telos*, com suas nobres teorias, mas na realidade cotidiana, na vida comum, a grande seqüela do individualismo torto é o centrar-se em si mesmo [...] (RANGEL, 2019).

2.1.2 A primazia da razão instrumental

Segundo Taylor, o homem se desencantou com o próprio mundo. O conhecimento científico permitiu ao homem um relativo domínio sobre a natureza. Nesse segundo tópico, percebe-se a perda do Sagrado. O distanciamento do mundo com ordens e estrutura definidos, torna tudo disponível, pois nada, nem mesmo as criaturas, possuem qualquer significado; tudo está sujeito a razão instrumental, ou seja, tudo pode ser usado como matéria prima para os nossos projetos de realização individual.

O colapso das antigas ordens, especialmente as religiosas, permitiu a existência de forças poderosas. O objetivo final deste progresso racional é a maximização do lucro, mas o custo é muito prejudicial, especialmente os danos ambientais. O mundo perdeu seu valor sagrado, já não pertence a uma ordem maior; por isso pode ser usado como um objeto simples em um serviço felicidade Humana, a Desilusão do Mundo e a

Queda da Hierarquia; iniciou-se a instrumentalização de todos os elementos da natureza, o que também fez enorme progresso científico. O problema deste processo são as consequências devido aos tremendos avanços da ciência, enfrentamos e ainda enfrentaremos esse problema no futuro.

A tecnologia é tão poderosa que chega a ser ameaçadora até dominar a vida humana. Isto se reflete na crescente instrumentalização das relações da humanidade. Buscamos sempre a melhor relação custo-benefício, mesmo em relacionamentos mais básicos.

A instrumentação é feita em menor escala, mas principalmente em grande escala, Taylor condena a medição da vida humana pelos padrões de mercado.

Há diversas coisas que se pode indicar que dão substância a essa preocupação: por exemplo, os modos com que as demandas de crescimento econômico são usadas para justificar distribuições bastante desiguais de riqueza e renda, ou a maneira pela qual essas mesmas demandas nos tornam insensíveis às necessidades do meio ambiente, até mesmo a ponto de um desastre potencial. Ou, então, podemos pensar no modo do nosso planejamento social, em áreas cruciais como avaliação de riscos, é dominada por formas de análises de custo-benefício que envolvem cálculos grotescos, colocando valores tributáveis em vidas humanas (TAYLOR, 2011 p. 15).

Dessa forma, tudo teria um custo-benefício, até mesmo a vida humana teria um valor tributável. Para Taylor, a tecnologia tem que estar a serviço das pessoas e não o contrário. Aqui cabe um comentário de Alan Rangel, o qual diz que:

A apologia da razão instrumental, foi fruto do desencantamento do mundo, a saber, a perda da influência espiritual nos rumos da sociedade. É o império da razão centrada na previsibilidade, no custo-benefício, portanto, no cálculo. Esse racionalismo a fins tem afetado todas as áreas, desde o Estado, mercado, ciência e tecnologia. A eficiência tornou-se o alvo principal, atrofiando os sentimentos, afetos e espontaneidade. Dizem: “é melhor a morte de uma pessoa inocente, desconhecida, num bairro pobre e violento, do que potencialmente a morte de um maior quantitativo”. “Para que manter grandes demarcações de terras em nome de alguns poucos ‘selvagens’? “Afinal, o futuro da população, o progresso, a civilização, depende dos grandes investimentos econômicos”. Eis as relações de custo-benefício! (RANGEL, 2019).

2.1.3 O atomismo político

Este último mal-estar é como se fosse uma consequência dos dois anteriores. Consequência essa para a vida política das pessoas. Por um lado, é celebrado como avanço na sociedade moderna; por outro, gera um tipo de estrutura tecnológica que limita as escolhas cada vez mais voltadas para o individualismo. Sendo assim, as pessoas perdem o protagonismo; ou seja, preocupam-se mais com a sua satisfação privada, enquanto esperam que outras pessoas tomem as decisões que ela mesma poderia tomar, desde que seja para a sua própria satisfação. O governo é que sabe o que é melhor para elas.

Charles Taylor dá a primazia à comunidade, não mais ao indivíduo como nos acostumamos a fazer a partir da concepção moderna. Só podemos ser indivíduos no interior de uma sociedade. O atomismo político também é decorrência tanto do individualismo, enquanto egoísmo, como também da razão instrumental que restringe

nossas escolhas, na medida em que nos faz buscar a melhor relação custo-benefício, tornando o outro mero meio para meus propósitos particulares.

A falta de liberdade, sobretudo, é no aspecto político. Taylor aponta que o desenvolvimento do capitalismo possibilitou a primazia na satisfação de desejos privados. A terceirização da função de cidadão atuante em favor do político moderno. [...] O que foi prometido pós regimes autoritários? Cidadãos ativos e participativos na política. Mas tal pretensão tornou-se bastante complicada, vide os exemplos nas atuais democracias. Em nosso país, o grosso da sociedade é despoliticizada (déficit de conscientização e cultura política), não sabe sobre Direitos Humanos, valores republicanos, quem votou na eleição passada. É um povo sem memória sobre a história de seu país, e alheia as conquistas sociais e políticas, muitas delas a ferro e fogo (RANGEL, 2019).

Taylor nos alerta para o risco de perdermos nossa dignidade e liberdade como cidadãos; perdermos o controle político sobre nosso próprio destino. Ele também fala dos medos que estão presentes na contemporaneidade, onde muitos indivíduos não tomaram consciência das perdas de significado, de propósito e da liberdade. O leve despotismo de Tocqueville não era tirania. Pelo contrário, o governo está “moderado e paternalista”. Na maioria dos casos, o sistema de governo é democrático. A verdadeira democracia é uma farsa porque o povo não toma decisões políticas. O culpado, se pudéssemos encontrar uma pessoa para culpar, neste caso não seria o governo, mas o que falta é “uma vigorosa cultura política na qual a participação é valorizada” (TAYLOR, 2011 p. 19). E a participação varia em escopo. Poderia tratar-se de participação direta no aparato político, bem como a participação em organizações da sociedade civil, como sindicatos e associações. Todo este processo acaba por desencorajar a participação dos cidadãos na política porque:

Uma vez que a participação diminuiu, que as associações periféricas que eram seus veículos murcham, o cidadão individual é abandonado sozinho perante um estado burocrático vasto e se sente, corretamente, impotente. Isso desmotiva o cidadão ainda mais, e o ciclo vicioso do despotismo suave está posto (TAYLOR, 2011 p. 19).

Segundo Charles Taylor, com auxílio às fontes da autenticidade, a relação com o nosso eu interior permite-nos perceber e intuir o certo e o errado. Embora explicações ontológicas do ser humano também são necessárias, porque essas podem expressar nossas reações morais. As disposições morais são instintivas, mas são mais do que isso, estão abaixo da ontologia humana, ou seja, são reações baseadas em nossa natureza ao longo do trabalho utilizaremos os termos “ética da autenticidade” e “ideal de autenticidade” como sinônimos porque o próprio Taylor os usa dessa forma e a condição humana. A premissa desta ideia é que a nossa resposta moral possui dois lados: “não são apenas sentimentos ‘viscerais’, mas também reconhecimentos implícitos de enunciados concernentes a seus objetos” (TAYLOR - Fontes do Self, 2011, p 20).

Para melhor compreensão de sua obra A Ética da Autenticidade, Taylor nos diz: “Apenas agora a fonte com a qual temos de nos conectar está no fundo de nós [...] De início, a ideia que a fonte está no interior não exclui nosso ser relacionado a Deus ou às Ideias; pode ser considerado nosso próprio caminho para eles[...]” (TAYLOR, 2011, p. 36).

2.2 ORIGEM DO IDEAL DA AUTENTICIDADE

Conforme dito acima, é necessário compreender os mal-estares da modernidade que nos desviam do ideal do que seja autenticidade. Esse ideal de autenticidade só podemos compreender a partir do esquema apresentado por Taylor.

Esse ideal, que vai além da modernidade, é o de ser fiel a si mesmo, e que chamamos de autenticidade. Porém, esse ideal pede que tenhamos a relação com, e o reconhecimento do outro. Esse ideal de autenticidade foi considerado não moral, dificultando e tornando até obscuro tal ideal, como o próprio Taylor afirma:

O resultado de tudo isso foi o aumento da escuridão acerca do ideal moral da autenticidade. Críticos da cultura contemporânea tendem a menosprezá-lo como um ideal, até mesmo confundindo-o com um desejo não moral de fazer o que se quer sem interferência. Os defensores dessa cultura são forçados à desarticulação a esse respeito pela própria perspectiva. A força geral do subjetivismo no nosso mundo filosófico e o poder do liberalismo neutro intensificam a sensação de que esses problemas não podem e não devem ser discutidos. E então, para completar, as ciências sociais parecem estar dizendo a nós que, para entender tal fenômeno como a cultura contemporânea da autenticidade, não deveríamos recorrer a tais coisas como ideias morais em nossas explicações, mas perceber tudo em termos de, digamos, mudanças recentes nos modos de produção, ou novos padrões de absorção da juventude, ou de segurança de afluência (TAYLOR, 2011, p. 31).

Taylor observa que os críticos da cultura atual tendem a menosprezar o ideal da autenticidade; muitas vezes confundindo-o com um desejo egoísta de fazer o que se quer sem levar em consideração questões morais ou éticas. Isso pode levar à desarticulação dos defensores dessa cultura, que podem se ver incapazes de justificar moralmente a busca pela autenticidade. Menciona também a influência do subjetivismo e do liberalismo neutro em nossa cultura, sugerindo que essas correntes filosóficas podem contribuir para a sensação de que discutir essas questões morais é desnecessário ou até inadequado.

A ideia de autenticidade na filosofia de Charles Taylor não possui uma origem única, mas, é parte de um desenvolvimento gradual de sua obra. Ela está intrinsecamente ligada às suas reflexões sobre identidade, moralidade e o eu. A noção de autenticidade em Taylor se origina e evolui a partir de várias influências e contextos filosóficos.

A cultura da autenticidade de que fala Charles Taylor, é o resultado da má interpretação do ideal de autenticidade. Assim, o indivíduo pode ser levado a acreditar que precisa seguir algum ideal, devendo mostrando uma imagem superficial de autenticidade. É necessário saber, nesse momento, que a cultura ou a ideia da autenticidade é o desvio desse mesmo ideal de autenticidade, ou seja, os 3 mal-estares.

Em particular, reivindicarei que o caminho correto a ser tomado não é nem o recomendado por incentivadores convictos nem o favorecido pelos totalmente críticos. Tampouco será um mero balanço entre vantagens e custos do, digamos, individualismo, da tecnologia e da administração burocrática que oferecerá a resposta. [...] Na realidade, há tanto muito que se admirar quanto muito que se depreciar e se assustar em todos os desenvolvimentos que tenho descrito, mas entender a relação entre essas duas coisas é perceber que a questão não é quanto você terá de pagar, em

matéria de consequências ruins, por frutos positivos, mas, antes, como direcionar tais desenvolvimentos para sua melhor promessa e evitar o deslize para as formas degradadas (TAYLOR, 2011.p.20).

A ética da autenticidade é uma característica da modernidade que aparece no final do século XVIII. A autenticidade é fruto de uma era romântica, segundo Charles Taylor, que critica a perda da racionalidade e o atomismo político (TAYLOR, 2011, p. 35). E aqui, surgem dois personagens, Rousseau e Herder. Cada um do seu jeito, ajuda no surgimento dessa autenticidade, como veremos adiante. Para Taylor, “o propósito dessa doutrina era combater uma visão rival de que saber ao certo e o errado era uma questão de calcular as consequências, em particular aquelas relacionadas a recompensas ou castigos divinos” (TAYLOR, 2011, p. 35).

O que Charles Taylor nos diz acima, é o resumo do que era o primeiro objetivo da ética da autenticidade, ou seja, de nos fazer entender que o que compreendemos acerca do certo e do errado, não é algo que surge de uma simples contagem, mas que está intrinsecamente nas nossas emoções; tal como os humanos, todos eles, possuem uma voz que grita no seu interior. Então, para “sermos seres humanos verdadeiros e completos” (TAYLOR, 2011, p. 36), será preciso fazer contato com nossos sentimentos mais profundos. Dessa forma, Taylor nos afirma:

Estamos falando aqui de intuições morais incomumente profundas, potentes e universais é tal sua profundidade, que somos tentados a pensar nelas como estando arraigadas no instinto, em contraste com outras reações morais que parecem mais uma consequência da criação e da educação. Parece haver uma compunção natural, inata, diante do infringir a morte ou ferimentos a alguém, uma inclinação de ir em socorro das pessoas feridas ou em perigo. A cultura e a criação podem ajudar a definir as fronteiras dos 'outros' relevantes, mas não parecem criar a reação básica em si (TAYLOR, 2011 b p.17).

Quando nos conectamos com o nosso eu interior, podemos ver e sentir o que é certo e o que é errado. Porém, uma explicação da ontologia humana, também é necessária. Ela pode expressar nossas respostas morais, contudo, essas inclinações morais são instintivas. Em outras palavras, é uma resposta baseada em nossa natureza e nossa condição humana.

Como dissemos acima, Rousseau e Herder, mesmo de diferentes maneiras, contribuíram para o surgimento da autenticidade, tendo seus pensamentos parecidos com o do Taylor.

2.2.1 O pensamento de Rousseau

Rousseau argumentou que os seres humanos nascem naturalmente bons e livres, mas a sociedade corrompe sua natureza. Acreditava que a civilização e a sociedade impunham convenções, normas e hierarquias que levavam à corrupção moral e à perda da liberdade. Assim, sua visão da natureza humana incluía a ideia de que a sociedade corrompe as pessoas, levando-as a agir de maneira egoísta e prejudicial.

Também discutiu a competição e a inveja como traços da natureza humana que são agravados pela sociedade. Ele argumentava que, à medida que as pessoas se comparavam umas com as outras, em termos de riqueza, status e poder, surgiam sentimentos de inveja e competição, levando a conflitos e desigualdades. Embora

Rousseau tenha enfatizado a natureza benigna dos seres humanos em seu estado natural, ele reconheceu que a natureza humana tinha a capacidade de ceder a impulsos prejudiciais, como a ganância, o egoísmo e a busca por prazeres sensuais, quando influenciada pela sociedade.

Rousseau distingue o que é o amor de si e amor-próprio. O "amor de si" como um instinto natural que todos os seres humanos possuem. Refere-se ao cuidado que temos conosco mesmos, à nossa autopreservação e ao desejo de satisfazer nossas necessidades básicas, como fome, sede e segurança. O amor de si é inato e não envolve comparação com os outros. Em contrapartida, o "amor-próprio" é a apreciação que temos de nós mesmos em relação aos outros. Ele envolve a nossa autoestima, a maneira como nos vemos em termos de reconhecimento e status social. O amor-próprio é influenciado pela sociedade e pelas comparações que fazemos com os outros. À medida que as pessoas buscam a aprovação social e a autoestima, através do reconhecimento dos outros, o amor-próprio pode levar a uma série de problemas sociais, como a busca excessiva por status, riqueza e poder.

O amor de si, que só a nós mesmos considera, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o amor-próprio, que se compara, nunca está contente e nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afetuosas nascem do amor de si, e como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor-próprio. Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião (ROUSSEAU, 1999, p. 275).

O amor-próprio responde pelas paixões desenfreadas e por coisas que não tem a menor necessidade. Enquanto o amor de si é cauteloso e não tem ganância, ficando apenas com o necessário para a sua sobrevivência e, não dando a menor importância com as opiniões vindas de fora. Mas, para Rousseau, nem tudo está perdido, pois existe um momento exato que o amor de si dá lugar ao amor-próprio. É quando o ser humano ergue os olhos e percebe a outrem. Nesse momento ele perde suas virtudes e, comparando-se, pensa em estar em lugares que antes jamais quis e assume o lugar de destaque para ser notado.

Um dos maiores críticos do Iluminismo, ainda mais porque acreditava que o mal humano tinha a possibilidade de ser equilibrado ou aumentando o seu nível sabedoria e esclarecimento. Para Rousseau, o esclarecimento não era garantia que o mal não mais existisse. Para ele, era preciso uma mudança radical da vontade, porque temos dois tipos de amores ou dois tipos de vontade: Natural e a Criada socialmente.

Rousseau distingue o que é o amor de si e amor-próprio. Para ele, o amor de si já vem conosco quando nascemos, é intrínseco no ser humano e nos dá a certeza para irmos sempre em busca da nossa sobrevivência; em contrapartida, o amor-próprio é o que não nos acalma, pois estamos sempre atentos às outras pessoas, sobre seus comportamentos e o que acham de nós. Estamos tão ligados nisso, que perdemos o contato com as coisas que estão ao nosso redor. Ele continua dizendo que o amor de si nos ajuda a querer aquilo que é necessário; enquanto o amor-próprio não se contenta com o que tem e fica a procurar coisas desnecessárias. Segundo Rousseau:

O amor de si, que só a nós mesmos considera, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o amor-próprio, que se compara, nunca está contente e nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afetuosas nascem do amor de si, e como as paixões odientas e irascíveis nascem do amor-próprio. Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião (ROUSSEAU, 1999, p. 275).

O amor-próprio responde pelas paixões desenfreadas e por coisas que não tem a menor necessidade. Enquanto o amor de si é cauteloso e não tem ganância, ficando apenas com o necessário para a sua sobrevivência e, não dando a menor importância com as opiniões vindas de fora. Mas, para Rousseau, nem tudo está perdido, pois existe um momento exato que o amor de si dá lugar ao amor-próprio. É quando o ser humano ergue os olhos e percebe a outrem. Nesse momento ele perde suas virtudes e, comparando-se, pensa em estar em lugares que antes jamais quis e assume o lugar de destaque para ser notado.

2.2.2 O pensamento de Herder

Johann Gottfried von Herder, foi um dos primeiros autores a analisar como Rousseau pensava. Tudo isso, a partir da ideia do que ele, Rousseau, chamava de natureza interior como fonte moral. Segundo ele, a natureza como fonte interior, torna-se também o sustento para o Romantismo, provocando assim, uma grande virada no pensamento moderno a partir do século XVIII.

Cada pessoa, na sua individualidade, tem o seu caminho para seguir, logo, não é possível mudar de rota para e seguir a outrem; pois, segundo Herder, todo ser humano tem de viver conforme o que é seu. Dessa forma, Herder sintetiza essa forma de pensar ao dizer que “cada ser humano tem sua própria medida, como se houvesse um acordo peculiar a ele entre todos os seus sentimentos” (HERDER, p. 291, apud TAYLOR b p. 481).

Herder sustenta sua posição de que cada pessoa tem um modo de vida único. Cada pessoa precisa expressar esse verdadeiro modo de vida. A todo instante estamos sendo chamados a viver as nossas próprias vidas e não ficar copiando o estilo de vida dos outros. Dessa maneira, é necessário cada um ser um. Ser honesto com meus princípios para viver do meu jeito. O indivíduo, mantendo-se leal ao seu modo de ser, jamais perderá a ligação autêntica consigo mesmo, jamais irá ceder às exigências pressionadas externamente e, que o obrigam a tornar-se uma pessoa sem criatividade.

Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me é a compreensão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos de autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos. Esse é o pano de fundo que confere força moral à cultura da autenticidade, incluindo suas formas mais degradadas, absurdas ou triviais. É o que dá sentido à ideia de ‘fazer suas próprias coisas’ ou ‘encontrar sua própria realização’ (TAYLOR, 2011, p. 39).

Dessa forma, a cultura da autenticidade é certa, quando diz que tudo o que existe não tem seu significado ou conceito por si mesmas, pois é sempre colocado de maneira subjetiva. Ironicamente, Taylor diz: “eu não poderia simplesmente decidir que a ação mais significativa é mexer meus dedos na lama. Sem uma explicação especial, essa não é uma afirmação inteligível” (TAYLOR, 2011, p. 46). Perceber o que deve ser feito da melhor maneira não é parâmetro, e não pode ser levado em consideração como algo estritamente necessário. Jamais se deve fundamentar qualquer ato, apenas pelo fato de perceber de um jeito e não perceber de outro jeito. É necessário que observemos todas as ações internas, porque as nossas vozes internas, que chamamos de intuição, estão ligadas por configurações morais.

2.3 DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AUTENTICIDADE E A BUSCA PELO RECONHECIMENTO

Taylor nos diz sobre a cultura humana: “as culturas humanas que animaram sociedades inteiras por um período considerável de tempo têm alguma coisa importante a dizer a todos os seres humanos” (TAYLOR, 2014, p.269), para o estudo das culturas humanas é significativa e influente. Suas obras exploram as complexas interações entre cultura, identidade, moralidade e sociedade em um mundo cada vez mais pluralista e diverso, pensando dessa forma, fica claro porque é preciso reconhecer o valor de expressões culturais diversas. Pois, se compomos uma estrutura social, que está inserida em valores chamados democráticos não conservador, e que esses mesmos valores devem assegurar “certos bens ou princípios de direito” (TAYLOR, 2014, p.276).

Faz sentido insistir, como uma questão de direito, que abordemos o estudo de certas culturas com um pressuposto de seu valor. Mas não pode fazer sentido insistir como uma questão de direito que cheguemos a um juízo concludente final de que o seu valor é grande ou igual ao de outras culturas. Isto é, se o juízo de valor pretende registrar algo independente de nossa própria vontade e desejo, ele não pode ser ditado por um princípio de ética (TAYLOR, 2014, p.271).

O canadense Charles Taylor (2011) é um dos principais pensadores contemporâneos nas áreas de filosofia política, ética, epistemologia e filosofia da religião.

No seu itinerário filosófico ele aborda a questão da autenticidade na vida humana e a busca pelo reconhecimento pessoal. Os argumentos que Taylor usa não estão resumidos apenas na simples busca daquelas repostas que envolvem os problemas e suas dificuldades apresentadas na nossa sociedade contemporânea. Sendo Charles Taylor um filósofo político, ele não fica na superficialidade, mas aprofunda até o cerne dos problemas. Taylor trabalha sobre as questões que estão envolvidas com o que ele mesmo chamou de política do reconhecimento.

Vejamos o pensamento de Taylor sobre a questão da política do reconhecimento na contemporaneidade:

Algumas correntes da política contemporânea giram em torno da necessidade, por vezes da exigência, de reconhecimento. Pode-se dizer que essa necessidade é uma das forças propulsoras dos movimentos políticos nacionalistas. E a exigência vem para o primeiro plano, de uma série de maneiras, na política contemporânea, em favor de grupos minoritários ou

'subalternos', em algumas modalidades de feminismo e naquilo que se chama política do multiculturalismo (TAYLOR, 2014, p.241).

Charles Taylor também discute como as pessoas são constantemente pressionadas por normas sociais e expectativas culturais que as impedem de serem verdadeiras consigo mesmas e de se expressarem de forma autêntica. Contudo, apenas por sua própria liberdade é que essas pessoas podem alcançar a felicidade, racionalizando o mundo que o cerca. Essa sabedoria que é pensada geralmente sobre o mundo como cultura autêntica, cresce sob do interesse ético. Paes vai nos dizer que “somente através de um profundo processo de autorreflexão universal da própria cultura refundaremos [...] o homem eticamente emancipado, em condições de realizar sua própria autorreflexão universal e tomar decisões em sua vida como uma vida ética” (PAES, 2015, p 129).

Somente pela liberdade própria pode um homem chegar a dar forma racional tanto ao seu mundo circundante quanto a si próprio; só assim pode encontrar a sua maior “felicidade” possível, única que pode ser racionalmente desejada. Cada um deve em si e por si, uma vez na vida, realizar esta autorreflexão universal e tomar essa decisão – determinante para a sua vida inteira e pela qual se torna um homem eticamente emancipado – de fundar originariamente a sua vida como uma vida ética. Por meio desta livre instituição ou produção originária, que encena o autodesenvolvimento metódico frente à ideia ética absoluta, destina-se o homem (ou seja, ele torna-se) a ser um novo e autêntico homem, que rejeita o velho homem e prefigura a forma de sua nova humanidade. Na medida em que a vida ética é, segundo sua essência, um combate contra as “tendências rebaixantes”, pode também ser descrita como uma renovação continuada. O homem decaído na “servidão ética” renova-se, em um sentido particular, por meio da reflexão universal e pelo reforço dessa vontade originária de vida ética que se tornara impotente, isto é, por meio de uma nova consumação da instituição originária que, entretanto, perdera validade (PAES, 2015, p .130).

2.4 ÉTICA DA AUTENTICIDADE: IDEIA DE LIBERDADE

A teoria do Charles Taylor sobre a ética da autenticidade é uma crítica contemporânea. Ela critica a ideia do liberalismo, porque o pressuposto básico da filosofia política do liberalismo é justamente afirmar que as pessoas são livres para perseguirem suas próprias concepções do bem.

Uma das características que marcam o pensamento de Taylor é o multiculturalismo, e nessa coletividade que vivemos, os cidadãos professam uma diversidade de formas de vida, o respeito pelo indivíduo como ser moral significa aceitar o princípio ético e político de que ele é uma pessoa plenamente livre para julgar o que considera essencial para sua vida na medida que está em melhor posição para conhecer e seguir o seu próprio bem.

Percebe-se que dentro dessa ideia as pessoas são livres para perseguir suas próprias concepções de bem. Mas é necessário ligar essa ideia a ideia de que os seres humanos também têm total capacidade de utilizarem a razão e escolher o que é o bem e o que é o mau da forma mais autônoma possível.

Se for retirada essa autenticidade do ser humano, será perceptível ver que esse liberalismo terá algumas dificuldades e deficiências. Sendo assim, mesmo dentro da ideia de que as pessoas são livres para perseguirem suas próprias concepções de

bem, será preciso reafirmar que a nossa sociedade é pluralista, que essas várias concepções de bem, são diversas, diferentes e que dentro dessas concepções será preciso que o homem tenha originalidade; mas, sobretudo, responsabilidade moral e ética de escolher o que que é próprio e o que que é impróprio.

Segundo Taylor, é possível avaliar a importância do individualismo e da Liberdade individual em outra perspectiva, a partir de um diagnóstico mais abrangente da modernidade. Sua análise é empreender do individualismo moderno um duplo significado:

- a) O individualismo moderno pode representar o ideal moral afirmativo da identidade, que é a busca do eu autêntico, que é aquela ideia que ligar a originalidade a esse modo como as pessoas buscam seu próprio modo de viver, seu próprio modo de se expressar.
- b) O individualismo também pode se degenerar em um fenômeno repentinamente marcado pelo egoísmo e pelo narcisismo como consequência de um self pontual e desprezado, ou seja, essa identidade, essa personalidade que onde o indivíduo não consegue enxergar mais nada a não ser ele mesmo, esquecendo da coletividade.

Essa forma degenerada do individualismo, considera o ser humano como uma entidade individual desprezada, cujos atributos fundamentais: a reflexão, a interioridade e liberdade, propicia uma abordagem filosófica e científica do sentido de um eu moderno na sua radical autorreferencialidade. Dessa forma, é possível enxergar que essa questão da autonomia pode ser interpretada de diferentes formas: O indivíduo é autônomo porque pode pensar sozinho, porque suas ideias derivam da sua própria razão, da sua própria capacidade de discernir o bem do mal ou ele pode ser autônomo porque pode se excluir da sua vida e da convivência com os outros. Taylor propõe essa indagação da autonomia, pois em Kant, a autonomia tem uma denotação positiva. O homem que é autônomo não precisa seguir as regras.

É válido destacar, que na vida temos as ações práticas e produtivas, isto é, certas atividades têm o seu *Telos*, finalidade. Mas, em contrapartida, tem outras finalidades, um acesso comum a todas. O indivíduo, que deseja viver bem e de forma saudável na sociedade, deve estar munido de comportamentos de conduta eticamente boa, como nos diz Vásquez:

Em todos estes casos, trata-se de problemas práticos, isto é, de problemas que se apresentam nas relações efetivas, reais, entre os indivíduos ou quando se julgam certas decisões e ações do mesmo. Trata-se, por vez, de problemas cuja solução não concerne somente à pessoa que os propõe, mas também a outra ou outras que sofrerão as consequências da sua decisão e da sua ação (2008, p. 15-16).

O ideal da autenticidade do expressivismo, daquele indivíduo que se expressa, a fidelidade para consigo mesmo, representa o desiderato de uma interpretação que não se opõe o individualismo moderno, na medida em que ser fiel a si mesmo se traduz no ideal de ser coerente com a originalidade que cada sujeito possui, e o desejo de realizá-la do seu próprio modo. Por isso mesmo, a liberdade representa o valor altamente significativo para consecução desse fim. Em outras palavras, dentro dessa ética da autenticidade, é preciso levar em consideração que o ser humano é um ser de 'logos', fazendo memória à a filosofia antiga.

O ser humano é capaz de dialogar, de discutir, de expressar em palavras, expressar suas vontades, seus desejos, de colocar em pauta tudo isso na coletividade, pois é justamente a partir dessa troca que o diálogo permite, que o ser humano pode participar do modo coletivo. O ser humano terá essa questão da racionalidade, dele poder escolher e perceber as suas ações éticas e Morais, mas ele também vai se expressar por meio das palavras, e é dentro dessa expressão, que ele mantém essa ideia da autenticidade de ser fiel a si mesmo, de tentar ser coerente com essa originalidade que ele escolheu para si, que faz referência a ele, ou seja, é dentro desse diálogo que ele consegue mostrar ao mundo qual é o seu jeito de ser um ser humano.

‘A linguagem é moldada e se desenvolve, principalmente, não do monólogo, mas sim no diálogo, ou melhor, na vida da Comunidades de falantes’. Sobre essa questão da autenticidade, ela é consequência desses homens que falam, desses homens que se expressam, desses homens que se mostram através do diálogo, pois é dessa maneira que a sua originalidade se revela.

O self não pode descobrir e desenvolver de forma isolada a sua identidade, mas apenas em relações dialógicas com os outros. O indivíduo, a personalidade, não só na filosofia moderna, como na psicologia, na psicanálise, na psiquiatria, essa palavra “self” é muito usada, onde vai dizer que o indivíduo, a personalidade não se desenvolve de forma isolada, ela não se constrói sozinha, mas ela precisa da tua relação com os outros, e na medida em que ela se expressa e reconhece a expressão dos outros. Não podemos compreender a vida humana simplesmente em termos de sujeitos individuais que criam representações por aí e respondem aos outros; e não podemos porque grande parte da ação humana só ocorre na medida que o agente se compreende como parte integrante de um nós e como tal se constitui a si mesmo.

Charles Taylor nos apresenta a ideia de que o individualismo é diferente do egoísmo; porque, até para o indivíduo se criar como um sujeito individual, será preciso perceber que ele faz parte do coletivo, que ele é parte integrante de um todo. É a partir dessa noção de um todo, de um corpo maior, que ele consegue se construir a si mesmo; mas enquanto sobreviver no egoísmo ele não consegue perceber esse todo, e, portanto, não consegue se perceber de forma completa porque sua expressão, sua construção, depende da onde ele está inserido e das trocas que ele faz com o coletivo.

Para Taylor, a solução para a falta de autenticidade do ser humano perpassa, portanto, pela valorização da liberdade individual, da diversidade cultural e do diálogo intercultural. Ele propõe que a busca pela autenticidade não deve ser vista como uma mera expressão de individualismo ou egoísmo, mas sim como uma forma de construir uma sociedade mais justa e igualitária, em que sejam respeitadas as diferenças e singularidades de cada indivíduo.

“Por causa disso, seria necessário um grande esforço e, provavelmente, muitos rompimentos bruscos, para impedir que nossa identidade seja formada pelas pessoas que amamos. Considere o que queremos dizer com “identidade”, isso é “quem” somos, “de onde viemos” (TAYLOR. 2011, p.44).

A linguagem expressa o diferente e o sempre novo e, por isso, autêntico, e não alguma suposta estância abstrata, absoluta ou objetiva. É a linguagem que vai expressar o ser autêntico, o ser original, esse ser de livre opinião. Essa autenticidade baseada na

livre opinião, ela vai depender do ser de linguagem que é dada ao ser humano, desse ser que se expressa, que coloca no coletivo os seus desejos e as suas vontades.

Educar com autenticidade é dar voz ao ser humano e cultural por aquilo que se é e se constitui enquanto se manifesta. Taylor está tentando mostrar, o tempo todo, como essa autenticidade é um contraponto àquela ideia do individualismo voltado para o narcisismo; aquele individualismo que é autorreferencial, que busca tão somente a si mesmo. Assim, instrumentalizar a linguagem é instrumentalizar o humano e o cultural. Contudo, a autenticidade requer que humano e o cultural sejam o ponto de partida, que sejam tratados como fim e nunca como um meio. Instrumentalizar a linguagem que é a forma do homem se expressar, do homem se colocar no mundo, é justamente começar a objetificar os seres humanos.

A partir do momento que as ações e manifestações do homem são burocratizadas. A partir do momento que só se espera produtividade e eficácia, a máxima produção, esse homem é tratado como fim, como meio, como uma ponte para chegar onde outro indivíduo pretende. Um degrau para outro indivíduo se realizar. Mas para que esse indivíduo se realize, ele começa a desconsiderar, a desvalorar os outros. "O homem dotado de sabedoria prática delibera corretamente acerca do que é bom e vantajoso para si mesmo com referência ao objeto Supremo de bem viver" (ZINGANO, 2010, p.180).

Charles Taylor, com isso, nos mostra a dignidade da pessoa humana; os homens são dignos, eles possuem valor por si mesmos. Os homens são sempre o fim da ação e não o meio para se chegar até ela. Eles são finalidades de si mesmos. Um homem, enquanto digno, que possui valor em si mesmo, deve respeitar essa autenticidade, essa originalidade no outro, pois ele é tão digno de respeito e tem tanto valor quanto qualquer um outro.

A função da ética é proporcionar que o indivíduo seja bom, para ele e para todos que o cercam. Suas ações são desafiadoras, pois engloba no seu agir com o caráter que o configura concomitantemente, sua felicidade. Claro, ele não vai conseguir fugir desses desafios, pois está imbuído e resultará nas escolhas de como agir e o que é bom e mal. Zingano diz que as suas ações dependem unicamente do homem:

No que diz respeito à razão prática, compreendemos do que se trata considerado as pessoas que a possuem. É comumente reconhecida, como marca do Homem dotado de racionalidade prática, a capacidade da boa deliberação sobre aquilo que é bom é vantajoso para ele, não em algum âmbito particular, sobre aquilo que conduz à saúde ou condiciona o vigor físico, mas sobre aquilo que conduz à boa vida em geral (ZINGANO, 2010, p. 136).

Taylor nos mostra que essa ideia da expressão da linguagem e da Liberdade, são fundamentais para o mundo contemporâneo para indivíduo se autoconstruir e se autodeterminar; mas, como tudo isso também não precisa ser pensado, e como que tudo isso precisa ter uma relação com o conhecimento ético, para que eu não caia naquela ideia dos três males da sociedade.

Falando sobre Taylor e seu pensamento do que é a ética da autenticidade, Ferreira diz:

[...] fala-se de um significado moral independente e crucial para formar seres humanos verdadeiros e completos segundo a lógica do mundo atual. Este estudo compõe-se de uma pesquisa bibliográfica por meio da qual pretende demonstrar as consequências dessa nova forma de eticidade para o funcionamento dos regimes ditos democráticos, vez que, estes carecem bem mais do que o voto para um bom funcionamento das instituições públicas. Logo, se uma das características desse modelo ético é, exatamente, uma sociedade fragmentada, onde as iniciativas dizem respeito apenas a interesses individuais ou corporativos, cresce – cada vez mais – o sentimento de que o eleitorado é indefeso contra o Estado que não é mais democrático, mas transvestido por um “despotismo suave” (FERREIRA, 1991).

A obra de Taylor tem sido amplamente estudada e debatida na filosofia contemporânea, e é considerada uma contribuição significativa para a compreensão da importância da autenticidade na vida humana e da relação entre a cultura, a sociedade e a identidade pessoal. Ele mostra que a busca pela autenticidade é uma das principais demandas do ser humano na contemporaneidade, que a autenticidade se tornou um valor central para muitas pessoas, e como essa busca pode ser vista como uma resposta a uma série de mudanças históricas e sociais que ocorreram ao longo do século XX. Sendo isso, Taylor mostra-nos o enfrentamento diário que precisamos vencer conosco mesmo: “Perdemos contato conosco e com nosso próprio ser natural, e somos conduzidos por um imperativo de dominação que nos condena à batalha incessante contra a natureza, a de nosso interior e a que está ao nosso redor” (TAYLOR, 2011, p.96).

Taylor nos apresenta os três mal-estares da sociedade. Para ele, esses mal-estares atrapalham o desenvolvimento do ser humano. Segundo o autor, se a sociedade ficar presa a esses males, não construirá uma cultura apenas baseada na autorrealização, ou seja, procurando a sua própria identidade, pode não acabar bem.

Ao segundo capítulo do livro *A Ética da Autenticidade*, Taylor dá o título de ‘Debate Desarticulado’; porém, não há uma base, um sustento sólido ou um ponto de partida para tal título, porque é isso que cada um tem, seu ponto de vista individualmente, e isso nos dá margem para nenhuma outra pessoa contestar os valores dos outros. Em outras palavras, isso é problema e escolha de vida de cada um individualmente e precisa ser respeitado. Assim, percebemos que o relativismo se fundamenta, parcialmente, em um princípio de respeito mútuo. Esta visão leva cada um para o poço de um relativismo, que em última análise, não termina bem. Taylor concordar com as críticas que alguns autores fazem sobre seu pensamento a respeito da cultura contemporânea; mas defende que o relativismo, defendido abertamente, é um engano.

Taylor nos orienta sobre os conceitos e os procedimentos que insistem em continuar no processo histórico e que os mesmos também influenciam no que diz respeito às questões feitas pelos grupos sociais da contemporaneidade, grupos estes, que lutam para que todos os direitos sejam iguais. Sendo assim, é tarefa de cada cidadão conhecer mais a fundo sobre os tipos de relações sociais que estão até hoje fazendo na formação da identidade. Outra coisa de grande relevância é saber como, na sociedade contemporânea, essas estruturas tem influenciado de tal forma na vida dos indivíduos. Dessa maneira, o pensamento moderno defendeu uma compreensão de subjetividade autocentrada, mas também construiu um distanciamento da relação

entre o “eu” e os “outros”, os “indivíduos” e a “sociedade”. Vejamos como Taylor esclarece esse ponto:

A exigência de reconhecimento assume nesses casos caráter de urgência dados os supostos vínculos entre reconhecimento e identidade, em que ‘identidade’ designa algo como uma compreensão de quem somos, de nossas características definitórias fundamentais como seres humanos. A tese é de que nossa identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou por sua ausência, frequentemente pelo reconhecimento errôneo por parte dos outros, de modo que uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer reais danos, uma real distorção, se as pessoas ou sociedades ao redor lhes devolverem um quadro de si mesmas redutor, desmerecedor ou desprezível. O não-reconhecimento ou o reconhecimento errôneo podem causar danos, podem ser uma forma de opressão, aprisionando alguém numa modalidade de ser falsa, distorcida e redutora (TAYLOR, 2014, p.241).

Em outras palavras, o indivíduo moderno tem que ser aquele que se questiona e, ao mesmo tempo, se constitui na relação com os outros; porém, em alguns casos, nos mostram que as relações sociais servem como empecilho para o reconhecimento de identidades.

Pensando dessa forma, o que se perde é a sua força moral do ideal de autenticidade; sente-se, nas entrelinhas, desacreditada à sua forma contemporânea. Se o indivíduo pudesse voltar a oposição em busca de ajuda, possivelmente isso não seria ruim, porém, decepcionaria.

O relativismo ramifica-se do individualismo, onde todos podem e tem o direito de viver da sua própria maneira, isso fundamentado no sentido do que é realmente importante ou de valor para si. As pessoas são chamadas, através da sua liberdade e escolhas, a serem verdadeiras com elas mesmas buscando sua auto realização; pessoa nenhuma pode ditar o que deve ou não ser feito.

O que a cultura da autenticidade nos diz, em poucas palavras, é que a única regra da cultura é que não existem regras; mas, ao dizer que não existem regras, que já são como lei suprema, gera dessa forma, ser pelo menos uma regra; então, se isso for cancelado, quer dizer que não há e não pode gerar um debate, muito menos dizer que haja autenticidade ou cultura. Podemos vê-lo como um ideal moral, pois o indivíduo não pode decidir que as ações de sua visão sejam boas ou ruins se não tem um ponto de partida, já que cada um determina esse ponto, começando por si mesmo.

2.5 AUTENTICIDADE E REALIZAÇÃO PESSOAL

Falar sobre autenticidade e realização pessoal, de acordo com a filosofia de Charles Taylor, é algo fundamental que nos desafia a repensar profundamente nossa compreensão do eu e da busca pela felicidade. Taylor oferece *insights* valiosos que nos convidam a refletir sobre como nossa identidade se relaciona com a sociedade, a cultura e as tradições em que estamos imersos. Taylor afirma que “A liberdade moderna e a autonomia nos centram em nós mesmos, e o ideal de autenticidade requer que descubramos e articulemos nossa própria identidade” (TAYLOR, 2011, p. 85).

Em sua obra, Taylor defende que a autenticidade é muito mais do que uma simples busca por uma identidade genuína. Ele afirma que ser autêntico implica em

compreender profundamente como nossa identidade é influenciada pelo contexto social e histórico em que vivemos. Taylor argumenta que nossos valores e crenças são moldados pelas tradições culturais que herdamos, e a busca pela autenticidade exige que examinemos essas influências de forma crítica.

Na obra "A Ética da Autenticidade", Taylor nos faz questionar as noções convencionais de individualismo e autoafirmação. Ele nos lembra que a autenticidade não deve ser interpretada como uma jornada solitária em direção a uma identidade totalmente independente das influências externas. Pelo contrário, a autenticidade envolve reconhecer a interconexão entre o eu e o mundo ao nosso redor.

Posto de outro modo, posso definir minha identidade apenas em contraste com o conhecimento das coisas que importam. Mas agrupar a história, a natureza, a sociedade, as exigências da solidariedade, tudo menos o que encontro em mim mesmo, seria eliminar todos candidatos para o que importa. Apenas se existo em um mundo no qual a história, ou as demandas da natureza, ou as necessidades de meus pares seres humanos, ou as obrigações da cidadania, ou o chamado de Deus, ou alguma outra coisa dessa ordem importa crucialmente, eu posso definir uma identidade para mim que não é banal. A autenticidade não é a inimiga das demandas que emanam além do self; ela supõe tais demandas (TAYLOR, 2011, p. 49-50).

Para Taylor, a realização pessoal não está apenas relacionada à satisfação dos desejos individuais. A verdadeira realização pessoal, segundo ele, está enraizada na capacidade de contribuir para o bem comum e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Ele nos instiga a considerar como a autenticidade não deve ser egoísta, mas sim orientada para o desenvolvimento do eu em harmonia com os outros e com o mundo.

Em nossas vidas cotidianas, muitas vezes somos confrontados com escolhas que envolvem nossos valores e identidade. Podemos nos questionar sobre o que significa ser autêntico em um mundo complexo e interconectado. As ideias de Charles Taylor nos ajudam a entender que a busca pela autenticidade não deve ser simplificada em uma busca de conformidade com padrões pré-estabelecidos. Em vez disso, a autenticidade envolve uma exploração constante e um diálogo com nossa herança cultural e com as pessoas que nos circundam.

O meu descobrir a minha identidade não quer dizer que a trabalho em reclusão, mas que a negócio através do diálogo, parcialmente exposto, parcialmente internalizado, com outros. É por isso que o desenvolvimento de um ideal de identidade gerada interiormente dá uma nova e crucial importância ao reconhecimento. Minha própria identidade depende crucialmente de minhas relações dialógicas com os outros (TAYLOR, 2011, p. 55).

Taylor nos lembra que, ao compreendermos a complexidade da autenticidade, podemos encontrar uma realização pessoal mais profunda e significativa. Quando abraçamos a responsabilidade de moldar nossa identidade em sintonia com nossos valores mais profundos, contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Em resumo, discutir a autenticidade e a realização pessoal segundo Charles Taylor nos convida a uma reflexão profunda sobre a natureza da identidade e do eu em nossa sociedade contemporânea. Taylor nos desafia a reconhecer que a busca pela

autenticidade não deve ser vista de forma isolada, mas como um processo de diálogo ativo com o mundo que nos cerca. Nesse diálogo, encontramos a verdadeira realização pessoal ao contribuir para um mundo mais ético e solidário. A filosofia de Charles Taylor é um chamado à reflexão sobre como podemos moldar nossa identidade de forma autêntica, respeitando nossa herança cultural e nossa interconexão com os outros.

3. METODOLOGIA

A análise deste projeto será realizada, a partir da proposta do filósofo Charles Taylor, em *A Ética da Autenticidade*. O método para realização desse trabalho será uma pesquisa bibliográfica, e assim será estabelecido uma comunicação dessas obras e suas teorias importantes para o engrandecimento deste projeto, que segundo nos diz Marconi e Lakatos (1992), trata-se de levantamento e buscas de biografias já publicadas, seja em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto.

A pesquisa bibliográfica proporciona ao pesquisador um amplo alcance de informações, “[...] além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (GIL, 1994 apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 40).

Para tal realização e o desempenho de todo o feito descrito, serão utilizados com fontes de pesquisa os livros e artigos científicos, assim como, teses e monografias já publicadas, e principalmente os que forem de autoria do filósofo Canadense Charles Taylor. Também serão utilizados comentadores: José Pedro Luchi (*Autenticidade - entre socialização e embriaguez*). Neste livro, a ideia é o ideal de autenticidade, como um dever de expressar a própria originalidade. Beltrami (*Resenha de A ética da autenticidade*), neste livro Taylor busca uma compreensão acerca das relações atuais dos indivíduos, dentre outros.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de tudo que foi exposto, certamente não se encerra aqui nesse estudo. É notável que esta obra ainda tem muito a ser explorada, principalmente no que tange ao ser humano em suas ações e escolhas pessoais, que toma ao longo de sua vida. Tomo essa pesquisa como uma mola de incentivo para as decisões e opiniões do cotidiano. É preciso ter desejo, vontade de se fazer algo, de se relacionar, de dialogar e a partir disso ser uma pessoa autêntica como nos ajuda a refletir o nosso filósofo Charles Taylor em sua obra.

Taylor vê a Autenticidade como a guinada, como um crescimento que atinge a subjetividade e que tem consequência naquilo que realmente somos. José Pedro Luchi, no resumo do seu artigo, sobre esse mesmo assunto e autor, nos mostra uma controvérsia nesse sentido, não negando completamente o pensamento do nosso autor, mas ampliando o conceito do que seja a autenticidade, no que voga o ideal de Autenticidade. “A proposta não é de rejeição do ideal da autorrealização, mas de resgate de suas melhores promessas” (LUCHI, 2016, p.189).

Autenticidade é ser você independente do que os outros pensam ou acham, ou seja, não se preocupar com o meio externo, mas que sua verdade seja exposta sem receio ou medo dos outros. Taylor nos aponta: “A Autenticidade é ela mesma uma ideia de liberdade; envolve a descoberta do projeto de minha vida por mim mesmo, contra as exigências de conformidade externa” (TAYLOR, 2011, p.74). Ainda sobre isso, Luchi afirma, em outras palavras, o pensamento de Charles Taylor “que deve expressar a própria originalidade” (LUCHI, 2011, p.190).

Com tudo que foi apresentado acima, destaco que, a autenticidade apresentada por Taylor é um esforço de posicionar e não ter medo de ser quem é. Como Luchi reforça as palavras de Taylor em seu artigo sobre *Autenticidade: entre socialização e embriaguez*: “O ideal de autenticidade de Taylor não é míope diante das manifestações criativas da natureza interna, exige mesmo tal enfoque. Porém, no esforço de apontar e superar seus desvios de autocentramento, insiste na inserção social de toda originalidade” (LUCHI, 2016, p. 200). Assim, é de extrema necessidade para todo indivíduo relacionar-se, pois é através da relação que nos expressamos e com o outro somos capazes de nos autodescobrir. Menke considera que Taylor tem uma posição unilateral sobre o conceito de Autenticidade, ignorando assim, algumas vertentes. Luchi, nos coloca a par do pensamento de Menke:

Enquanto ele, para superar um isolacionismo existencial narcisista, destaca o enraizamento social do sujeito, Menke procura acentuar precisamente as raízes pré-subjetivas da criatividade artística e atribui a Taylor a desconsideração dessa outra vertente da autenticidade, propriamente estética, imprevisível e pré-social. (LUCHI, 2016, p.190).

Vale dizer que a verdade consigo próprio é algo fundamental nessa descoberta, pois quando não somos fieis a que nós somos na verdade, dificilmente seremos com os que estão ao nosso redor, na sociedade.

A finalidade ao realizar e indagar sobre esse tema era fazer com que todas as pessoas se inclinasse ao conhecimento e como isso hoje em dia vem sido fortificado, assim essa pesquisa tem a ideia de torna-los aptos e fomentar a verdade que, em muitos momentos esconde e não se deixa revelar.

Em relação às origens da ética da autenticidade, citadas por Taylor, Jose Pedro Luchi nos fala o seguinte:

Ela desabrocha, a partir das raízes cartesiana e lockiana, da noção elaborada do século XVIII de que existe no ser humano um sentimento moral que intui o certo e o errado, por oposição à doutrina de que, para tal discernimento, deveríamos calcular as consequências de nossos atos, especialmente a castigos e recompensas divinas (LUCHI, 2016, p.192).

Assim, tudo o que fazemos tem uma consequência positiva e negativa, uma verdade de causa e efeito mediante nosso agir. Somos responsáveis por aquilo que somos e fazemos independente de quaisquer lugares. Por isso, a transparência e autenticidade caminham juntas para que, que nossa ação seja reflexo de nosso interior onde brota a essência. Taylor dá ao indivíduo uma segurança e autocontrole de si, dessa forma, ele age segundo as suas normas, por achar respaldo em sua autonomia. Contrário a isso, José Pedro Luchi, nos dá o direito de pensar que não é bem assim:

[...] Pelo contrário, compreender o fazer artístico a partir da embriaguez não é o mesmo que o agir de um sujeito segundo um fim, mas aí o agente

embriagado se efetiva, as coisas serão transformadas e consumadas de modo a refletir as forças internas do próprio artista, seu próprio estado. No *Nascimento da Tragédia*, Nietzsche chamou esse estado de criação artística de “dionisiaco”. Faculdades de ação são conscientes e realizam fins, comportando correções, segundo formas universais. Forças são inconscientes, para o que acena o conceito de embriaguez (LUCHI, 2016, p.196).

E encontra respaldo e segurança, quando cita Menke, reforçando o seu pensamento:

A embriaguez é um estado no qual as forças do sujeito estão tão potenciadas que estão subtraídas a seu controle racional. Ou inversamente: o desencadeamento das forças na embriaguez consiste precisamente no seu ir além de sua situação de agregação de faculdade autoconsciente no agir voltado para o fim (MENKE, 2008, p. 112-113 apud LUCHI, 2016, p.196).

Portanto, concluímos que autenticidade tem o aspecto de socialidade, mas também um aspecto pré-social de embriaguez e é um conceito muito rico que não esgotamos aqui.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela autenticidade, conforme delineada por Charles Taylor, revela-se uma exploração profundamente reflexiva e essencial para compreendermos as complexidades da identidade em nossa sociedade contemporânea. Ao longo deste texto dissertativo, analisamos a importância de reconhecer as influências sociais, culturais e históricas que moldam nossos seres e como Taylor nos desafia a navegar por esse contexto em busca de uma autenticidade que respeite nossa individualidade e nossa interconexão com os outros e com as tradições que nos cercam.

A autenticidade, na visão de Taylor, transcende a mera conformidade com um ideal abstrato de “ser você mesmo” e envolve um diálogo constante entre nossa identidade pessoal e nosso ambiente. Isso significa que a autenticidade não é uma meta fixa, mas um processo contínuo de autoconhecimento e autotransformação. Nesse sentido, podemos concluir que a autenticidade, tal como proposta por Taylor, não é um destino, mas sim uma jornada.

Nessa jornada, Taylor nos convida a reconhecer a importância de nossas conexões com os outros. Isso nos leva a repensar nossa compreensão da autenticidade como uma busca solitária e egocêntrica. Em vez disso, a autenticidade é um fenômeno interdependente, no qual nossas identidades são entrelaçadas com as dos outros, afinal, somos seres sociais, e nossa identidade é moldada em relação aos outros.

Além disso, Taylor nos lembra da importância das tradições e do papel que desempenham na formação de nossa identidade. A autenticidade não requer o completo afastamento de nossas tradições, mas sim um diálogo crítico com elas. Esse diálogo nos permite reconhecer como nossas raízes culturais e históricas influenciam nossa identidade e, ao mesmo tempo, nos capacita a fazer escolhas conscientes sobre quais aspectos incorporar, rejeitar ou adaptar. Portanto, a autenticidade, para Taylor, não é uma negação de nossas origens, mas uma reconstrução contínua e consciente de nossa identidade dentro do contexto das tradições que nos moldam.

À medida que concluímos nossa exploração sobre a autenticidade em Charles Taylor, é essencial destacar que essa abordagem, complexa e reflexiva, desafia as noções

simplistas de identidade e autenticidade. Ela nos incentiva a considerar nossa natureza profundamente interconectada com a sociedade, a cultura e as tradições, reconhecendo que a autenticidade não é uma busca isolada, mas uma busca que se desenrola em relação aos outros e ao mundo que nos cerca.

Portanto, a autenticidade, de acordo com Charles Taylor, é um processo dinâmico, uma viagem que nos convida a ser verdadeiros com nós mesmos, respeitando ao mesmo tempo nossas raízes culturais e nossas relações com os outros. Essa visão enriquece nossa compreensão da identidade e nos leva a adotar uma abordagem mais compassiva e reflexiva em relação à busca de uma autenticidade que seja, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Assim, somos desafiados a abraçar a complexidade da autenticidade em nossas vidas e a cultivar um senso mais profundo de realização pessoal e conexão com o mundo que nos cerca. Portanto, o legado de Charles Taylor é um convite à reflexão e à ação, um lembrete de que a autenticidade é uma jornada contínua, uma busca que nos permite explorar e abraçar a riqueza de nossa identidade em constante evolução.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alysso Assunção. **A política de reconhecimento em Charles Taylor** / Alysso Assunção Andrade. – Faje. Belo Horizonte, 2013. 209p.

BELTRAMI, Fábio. **Resenha de A ética da autenticidade**, de Charles Taylor. Tradução de Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2011. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 17, n. 1, p. 230-233, jan./abril, 2012.

BERLIN, Isaiah. O ouriço e a raposa. In.: BERLIN, Isaiah. **Estudos sobre a humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERREIRA, Paulo R. Araújo. **A ÉTICA DA AUTENTICIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A QUALIDADE DA DEMOCRACIA**. *Cadernos Do PET Filosofia*, 8(16), 55-63, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/1991>. Acesso em: 12 set. 2023.

FOSCHIEIRA, Rogério. **Educar na autenticidade em Charles Taylor**. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Ronaldo/Downloads/admin,+Educ+32-3+16+ind.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.

LIMA, Telma. C. S. de; MIOTO, Regina. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. spe, 2007.

LUCHI, José Pedro. **Autenticidade: entre socialização e embriaguez**. *Revista de Filosofia. Argumentos*, ano 8, n. 15 - Fortaleza, jan./jun. 2016. Disponível em: < <http://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/19131/29849>>. Acesso em: 11 de mai. de 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4ª ed. p.43 e 44.

PAES, Luiz Claudio Esperança. **A Ética da Autenticidade de Charles Taylor e seus pressupostos**, 2015. Disponível em:
<https://sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/a_etica_da_autenticidade_charles_taylor.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

RANGEL, Alan. **Os males da modernidade e o Brasil**. 2019. Disponível em:
<https://www.soteroprosa.com/single-post/2019/03/04/os-males-da-modernidade-e-o-brasil>. Acesso em: 12 set. 2023.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: É realizações, 2011.

_____. **As fontes do self- a construção da identidade moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 3º ed. São Paulo: edições Loyola, 2011.

_____. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo, SP: Edições Loyola. 2014.

_____. **A ética da autenticidade**. Barcelona: Paidós, 1994.

VÁSQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. 30.ed. Trad. Joao Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira,2008.

VENTURI JR., Gustavo. **Democracia e autonomia moral. Universalismo moral e relativismo ético em teorias normativas da democracia**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.